

A lógica prejudicial da contração familiar na obra inicial de Lacan

The harmful logic of family contraction in Lacan's initial studies

*Evandro de Quadros Cherer**
*Daniela Scheinkman Chatelard***

Resumo

Este estudo possui como objetivo investigar, na obra inicial de Lacan, a lógica da prejudicialidade da contração familiar. Trata-se da passagem da família paternal para a família conjugal e o consequente declínio da imago paterna enquanto cerne de uma “crise psicológica”. Isso corresponde à compreensão de que os modos clínicos são tributários às mudanças ocorridas em relação ao estatuto do pai na família. Essa perspectiva, ainda que tenha sido abandonada por Lacan, permanece sendo empregada no meio psicanalítico, desvelando a importância de se revisitar esse momento do pensamento lacaniano.

Palavras-chave: Família. Lacan. Pai.

Abstract

The present study has the purpose of investigating in Lacan's initial studies the harmful logic of family contraction. It is to say about the transition from the contraction of the paternal family to conjugal family and the consequent decline of the paternal imago as core of a “psychological crisis”. This corresponds to the understanding that clinical modes are tributary to changes in relation to the father's status in the family. This perspective, although it was abandoned by Lacan, remains being used in the psychoanalytic field, revealing the importance of revisiting this moment of Lacanian thought.

Keywords: Family. Lacan. Father

* Psicanalista. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsi) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Rondonópolis, MT, Brasil. evandro.cherer@ufr.edu.br

** Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF, Brasil. dchatelard@gmail.com

Introdução

Os 15 anos compreendidos entre *Os complexos familiares*, de 1938, até *O mito individual do neurótico*, de 1953, podem ser considerados como um período de grande influência da escola francesa de sociologia na obra de Lacan, sobretudo, de seu fundador Durkheim (ZAFIROPOULOS, 2001; ASSOUN, 2009). É possível constatar que muitos desconhecem que foi a partir de Durkheim que se tornaram célebres, no âmbito acadêmico, muitas compreensões que tributam às mudanças familiares repercussões prejudiciais em seus membros. Cabe, portanto, desvelar essa perspectiva tão reproduzida e que se introduziu na psicanálise com a adoção da perspectiva da prejudicialidade da contração familiar defendida por Durkheim com o surgimento da família conjugal.

Esse momento durkheimiano da obra lacaniana tende a ser negligenciado pelos psicanalistas, como se devessem ser privilegiados seus trabalhos após 1953, com o “retorno a Freud”, ou mesmo, para alguns, o “último Lacan”. Defende-se, no presente estudo, a relevância de se acompanhar a construção das formações teóricas, assim como das influências no estilo de um autor. Entende-se que, com isso, tornam-se mais compreensíveis as perspectivas dentro da psicanálise, assim como as distintas posições teóricas que podem ser adotadas, as quais não passam sem efeitos na prática clínica. As considerações de Durkheim são relevantes na medida em que influenciaram o pensamento adotado por Lacan entre 1938 e 1953 a respeito da lógica prejudicial da contração familiar. Não se detendo a esse momento da obra lacaniana, essa perspectiva, mesmo atualmente, é corroborada pelo discurso de muitos profissionais, inclusive por psicanalistas, sem se atentarem que essa lógica é abandonada por Lacan após 1953. Nesse sentido, o modo como o ensino de Lacan é lido cria efeitos teóricos atuais que se refletem na atuação dos psicanalistas contemporâneos, na medida em que a perspectiva teórica adotada determina a própria práxis psicanalítica (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021; GOLDEMBERG, 2019).

É a partir do *Discurso de Roma* que se pode situar o abandono radical da lógica prejudicial da contração familiar no ensino de Lacan, o que ocorre, notavelmente, a partir da influência dos estudos antropológicos, sobretudo de Lévi-Strauss, da função simbólica: “Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?” (LACAN, 1953/1998, p. 286). A inserção dos três registros, a saber, real, imaginário e simbólico demarca o rompimento com a perspectiva familialista empregada até então por Lacan. Neste momen-

to, foi realizada por ele uma grande mudança ao propor o conceito de nome-do-pai, o qual havia sido formulado inicialmente em *O mito individual do neurótico*, igualmente de 1953, enquanto o suporte da função paterna: “É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei” (LACAN, 1953/1987, p. 279). Nesse trabalho, Lacan (1953/1987) trouxe o caráter problemático da questão do pai, demarcando aproximação ao estruturalismo, corroborado pela noção de mito individual do neurótico, nitidamente surgida na obra de Lévi-Strauss.

Ao encontro disso, em 1969, Lacan escreveu um dos poucos trabalhos a respeito de crianças, endereçando esse texto a Jenny Aubry, pioneira da psicanálise infantil na França. Em *Nota sobre a criança*, foi retomada a questão da família conjugal durkheimiana, assegurando haver nela algo de residual implicado numa transmissão necessária. Disso é possível depreender não a defesa da necessidade da família paternalista ou ainda da família conjugal. Ao contrário, o que se trata é a respeito da importância de uma função imprescindível para haver constituição subjetiva.

Entretanto, anteriormente a esse chamado efetuado, em 1953, Lacan defendia em seu pensamento uma abordagem evolucionista, concebendo que a estrutura subjetiva é tributária de evolução sociológica, condicionando a constituição subjetiva a elementos sócio-históricos (ZAFIROPOULOS, 2014). Efeitos dessa lógica ainda persistem no campo psicanalítico, o que demonstra a adoção de uma posição teórica centralizada no pai de família e que, por sua vez, revela uma prática clínica enviesada pelo não acolhimento das mais diversas configurações familiares brasileiras atuais. É em vista de pôr em questão essa lógica adotada e, posteriormente, rechaçada por Lacan que este estudo tem como objetivo investigar, na obra inicial de Lacan, a lógica da prejudicialidade da contração familiar. Para tanto será realizada uma investigação teórica em Psicanálise, submetendo as argumentações e conceitos a uma análise crítica (GARCIA-ROZA, 1994). Trata-se, portanto, de analisar a lógica conceitual, pensando os efeitos de interpretação e leitura que os operadores conceituais operacionalizam na clínica psicanalítica (CORREIA; XAVIER; LANG; 2021; GOLDENBERG, 2019).

A família conjugal: contração familiar da família paternal

O termo patriarcado possui origem grega (patriarkhès) e latina (patriarcha), referindo-se aos domínios submetidos à autoridade de um patriarca (REY,

1998), expressão que designa o chefe do grupo familiar, aquele que comanda um clã, assim como as figuras bíblicas concernentes às origens judaicas (SCIARA, 2016). A partir do século XIX, essa expressão passou a implicar uma conotação política e social, denominando a concepção de uma sociedade centrada no poder dos homens (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION [APA], 2010) e referente a um sistema que possui como cerne a tradicional imagem social do pai, na qual esse é o chefe de família (JULIEN, 1997). Com isso, foi apenas no século retrasado que se concebeu a dominação do homem, sobretudo a do pai, como possuindo uma conotação política e social.

Até meados do século XIX, a família paternal era a expressão da vontade paterna, na qual somente havia a autoridade do pai considerado todo-poderoso. Mesmo que a potência paterna ainda prevalecesse, lentamente outros protagonismos passaram a surgir, inclusive no que diz respeito à intervenção do Estado no seio das famílias. Efetivamente, foi toda a organização social que passou por intensas mudanças, o que acarretou os pais deixarem de usufruir da legitimidade social de outrora. É a partir da atestação dessa mudança familiar que se pode situar a alteração do status social do pai (SCIARA, 2016).

Nesse contexto de fim do século XIX está a família conjugal proposta por Durkheim (1921), a qual foi compreendida como uma contração da família paternal. A família conjugal é composta pelo pai, pela mãe e pelos filhos menores de idade solteiros. Ao passo que a família paternal contempla também todos os descendentes, excetuando-se as filhas e sua posteridade. Na família conjugal, ainda que o pai permaneça como preponderante, o casal em conjunto desempenha um aspecto central, desvelando a gradativa descentralização em relação ao pai. Não se trata de uma igualdade entre marido e esposa, mas de indícios a respeito do declínio da hegemonia do pai, visto que cada vez mais ele deixou de importar enquanto exceção.

Ainda sobre a família, Durkheim (1897/1977) compreendeu que ela possui uma “virtude profilática”. Entretanto, mudanças que ocorreram no seio familiar – dentre essas a contração da família paternal para a família conjugal – alteraram a capacidade familiar concernente a tal ação profilática. Distintamente de outrora, a família teria deixado de proporcionar certas proteções e garantias para seus membros. Como exemplo disso, a família conjugal, do final do século XIX, foi problematizada a propósito da questão do suicídio: “Portanto, pode afirmar-se sem receio que, atualmente, durante a maior parte do tempo, a família se encontra reduzida ao simples casal e, quanto a este, sabemos que a ação que tem sobre o suicídio é fraca” (DURKHEIM, 1897/1977, p. 452). Tudo isso ocorreria devido à contração

familiar resultante na, quase exclusiva, convivência dos filhos com o casal parental que teria tendência de igualdade entre si.

Distintamente, a família paternal era ampliada em número de membros, bem como centrada no poder do patriarca. O patronímico transmitido pelo pai, a evocação da linhagem de antepassados, sobretudo de patriarcas, assim como a reputação familiar são elementos valorizados por Durkheim (1897/1977) ao considerar certos aspectos que serviriam enquanto organizadores da família e, por conseguinte, basilares para o que seria considerado seu adequado funcionamento. Em contrapartida, “um grande vazio” estaria se produzindo, nos membros da família, com o vacilar desses elementos. Assim sendo, a continuidade geracional assegurada pela rigidez do funcionamento familiar, que era personificada no pai de família, estava sendo posta em questão e, como reverberação, a família já não conseguiria mais proporcionar a seus membros a segurança subjetiva que supostamente ela teria feito no passado: “É que, na realidade, as alterações que se produziram na constituição da família não lhe permitem desempenhar o mesmo papel preservador que no passado” (DURKHEIM, 1897/1977, p. 451).

A lógica da prejudicialidade da contração familiar atualmente

Essa problemática do declínio do pai de família não está restrita às décadas passadas. Ao contrário, é atual e relevante no contexto brasileiro, ainda mais se considerarmos que é inegável que as famílias contemporâneas são heterogêneas. Atualmente, há uma grande possibilidade de arranjos familiares, podendo-se exemplificar algumas como as famílias ditas tradicionais, compostas por um casal de homem e mulher que podem ou não ter filhos; as famílias recompostas, constituída de filhos oriundos de relações anteriores à atual; as famílias homoparentais, formadas por pais do mesmo sexo e seus filhos; e as famílias monoparentais, na qual há apenas a presença de um progenitor, geralmente a mãe, juntamente com um ou mais filhos (SCIARA, 2016).

Essas famílias evidenciam a respeito das mudanças vivenciadas em relação ao lugar do pai no seio da família. A psicanálise não é insensível a isso, sendo o fim da onipotência paterna atestada na clínica contemporânea, bem como na produção acadêmica psicanalítica brasileira. Ao encontro disso, pode-se recorrer a um estudo que, a partir das ideias de Lacan em *Os complexos familiares*, situou no campo “psi” aquilo que foi nomeado de “degradação do papel do pai na família e na sociedade” (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2011, p. 846). Associado

a isso, foi argumentado existir atualmente um mal-estar generalizado ocasionado pela falência do modelo paterno e, por conseguinte, das garantias imputadas a esse. A lógica do surgimento da psicanálise feita por Lacan, em 1938, foi retomada e associada à degradação paterna. Mais do que isso, os autores claramente apoiaram-se na perspectiva lacaniana – ultrapassada – de que o “declínio da imago paterna estaria no centro da grande crise psicológica contemporânea” (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2011, p. 848). Portanto, é conforme a lógica de que o pai possui uma importância essencial no seio da família, na constituição subjetiva e no laço social que este estudo se sustentou. O fato de as famílias e o discurso social não endossarem mais o lugar outrora ocupado pelo pai estaria colocando em risco diversos aspectos, “corroendo” as sustentações da parentalidade e ocasionando novas psicopatologias.

Assim pode-se encontrar, na literatura psicanalítica brasileira, a compreensão de que “neste início de século, constata-se uma crise do lugar do pai” (FERREIRA, 2013, p. 940). Para essa perspectiva, a sociedade estaria como que em crise frente à ausência de referenciais paternos fortes, havendo um lugar vazio deixado pelo pai, atribuindo-se a isso a ampliação de diversos problemas sociais, bem como de psicopatologias (FANTINI, 2001; FERREIRA, 2013; GIACOBONE; MACEDO, 2013; SILVA; ARAÚJO, 2013). Em relação a isso, alguns, mesmo no meio acadêmico, têm se demonstrado temerosos, como se a ausência do pai ou de sua autoridade fosse potencialmente prejudicial: “O temor, mais uma vez, é de que a família seja desvirtuada de seus valores tradicionais, da lei do pai e da autoridade, e entre em decadência, a partir das novas configurações familiares” (BRAGA; AMAZONAS, 2005, p. 13).

Trata-se de discursos sustentados no argumento da “carência paterna” como lógica explicativa a respeito de instabilidades, transgressões e dificuldades frente à lei (CONSTANTOPOULOS, 2012). A partir disso, compreende-se haver uma tentativa de valorização do pai, seja imputando a ele atributos que nunca possuiu ou apregoando que toda sorte de mazelas advêm de sua falta e que, por conseguinte, nele se encontram as respostas. Nesse sentido, é possível encontrar na literatura certa inquietação com a problemática do pai que é utilizada para justificar e legitimar construções e direcionamentos a fim de, de algum modo, tentar fortalecer o pai em declínio.

A lógica da prejudicialidade da contração familiar, originada no pensamento durkheimiano e reproduzida pelo jovem Lacan, ainda ecoa nas concepções psicanalíticas atuais. Mesmo que, por vezes, não seja explicitamente referenciado, é possível vislumbrar as repercussões desse momento inicial do pensamento lacaniano nessas posições teóricas. Para além da reprodução

da lógica deste pensamento superado e rechaçado por Lacan, também é possível encontrar estudos que explicitamente recorrem à citação deste momento do pensamento lacaniano a fim de justificar a posição teórica dos autores. É nesse sentido que algumas ideias lacanianas acerca do pai em *Os complexos familiares*, eventualmente, são retomadas no intuito de defender que “com a queda do pai e da família tradicional, a imagem paterna se torna frágil e desvalorizada, o que coloca em risco o ordenamento psíquico do sujeito” (ABREU, 2012, p. 60).

Notoriamente, pode-se constatar que a primeira noção de pai em Lacan ainda permanece próspera e utilizada na atualidade. Está em questão uma proposta que compreende que o pai “sustentava certa coesão entre os domínios econômico, social, político e religioso” (LIMA, 2013, p. 485). São esses elementos de garantia outorgados ao pai que necessitam ser destacados, pois, mesmo que de modo implícito, são tais aspectos que permeiam essas perspectivas. Ora, é exatamente essa lógica defendida por Lacan em *Os complexos familiares* e à qual a direção de seu ensino posteriormente se opôs radicalmente.

Declínio da imago paterna em Lacan: “crise psicológica”

A questão da mudança do estatuto social do pai na família, na obra inicial de Lacan, pode ser situada em seu trabalho intitulado *Os complexos familiares*, de 1938, o qual foi solicitado como parte integrante do volume VIII da Enciclopédia Francesa. Certo reconhecimento junto aos intelectuais franceses dessa época já era concedido a Lacan. Entretanto, seu estilo gerava repercussão ao ser considerado obscuro. O manuscrito solicitado sobre a família foi redigido diversas vezes, a fim de que viesse a apresentar um texto mais legível. Apesar disso, não foi considerado claro. O fato de ser um texto de transição, na medida em que tampouco o autor conseguia transmitir com clareza as novas noções que empregava, possivelmente marcaram este trabalho (ROUDINESCO, 1993).

Para além desses aspectos, esse texto pode ser considerado como inaugurador da corrente evolucionista da psicanálise contemporânea, na qual são reagrupados toda uma sorte dos chamados novos sintomas ou novas patologias (ZAFIROPOULOS, 2014). É neste trabalho que o surgimento da psicanálise foi relacionado ao declínio da imagem social do pai: “Qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja a essa crise que se deve relacionar o aparecimento da própria psicanálise” (LACAN, 1938/2008, p. 59-60).

Inicialmente, pode-se constatar que Lacan corrobora o entendimento de que há um declínio da imagem social do pai e, por consequência, da família patriarcal. De todo modo, se faz importante precisar esse declínio. Nesse trabalho, ele compreendeu se tratar de um “declínio mais intimamente ligado à dialética da família conjugal” (LACAN, 1938/2008, p. 59), indicando a influência dessa concepção de família proposta por Durkheim.

A hipótese do declínio da família patriarcal e de seu chefe implica considerar as incidências clínicas e sociais disso que foi nomeado enquanto uma “crise psicológica”. Apesar da prudência na argumentação, expressa pelo “talvez”, foi proposto enquanto condição para o aparecimento da psicanálise o estado em que se encontravam as famílias vienenses no final do século XIX. Acerca dessa hipótese, pode-se pensar no valor argumentativo que ela pode desempenhar, na medida em que considera o surgimento da psicanálise não como algo estrito à pessoa de Freud, mas a elementos sociais e empiricamente observáveis, a saber, as famílias.

Nesse trabalho, foi corroborado o entendimento de que a família é a instituição social por excelência. É no cerne dela que o pai se situa, sendo ele o agente essencial para seu funcionamento. Ademais, foi argumentado que as neuroses da época já não seriam mais as mesmas das analisadas por Freud, tendo em vista que essas não cessam de mudar de acordo com o social de cada momento histórico. Destaca-se que esse modo de entendimento se embasa, sobretudo, na compreensão de que os modos clínicos são tributários às mudanças ocorridas em relação ao status do pai na família. Mais do que isso, é em relação à personalidade do pai na realidade familiar que a argumentação foi sustentada.

Foi seguindo essa lógica que, em *Os complexos familiares*, Lacan (1938/2008) abordou os complexos de desmame, de intrusão e de Édipo na constituição subjetiva. Torna-se relevante pensar esse momento de elaboração lacaniana sobre esses complexos, pois não está somente em questão uma construção acerca da constituição subjetiva, mas também uma concepção de ideal e de laço social. A respeito disso, Lacan (1938/2008) argumentou que foi na análise das neuroses que aspectos edipianos foram evidenciados por Freud no conceito de complexo, termo empregado essencialmente em seu caráter inconsciente. Assim, ele defendeu que o complexo, por ser inconsciente, despon-ta-se como agente de efeitos psíquicos não conduzidos pela consciência. O complexo teria como elemento fundamental uma representação inconsciente nomeada de imago. Essa expressão, vinda do latim, significa imagem, tendo sido introduzida, em 1912, por Carl Gustav Jung, para se referir à representa-

ção inconsciente da imagem dos pais.

No complexo de desmame, nos seis primeiros meses de vida, está em questão, principalmente, a relação com a imago materna, tendo sido indicadas, por exemplo, as cavernas e formas primitivas de moradia, indícios dessa imago. Uma nostalgia do seio, que ocorre de modo oral e canibalesco, foi proposta por Lacan (1938/2008), havendo um “sentimento maternal” na base da insistente procura humana de um paraíso perdido e de uma harmonia universal. Referente ao complexo de desmame, a questão da carência do pai foi associada a uma eventual fixação ocorrida neste momento que conduziria a manifestações como a anorexia, toxicomania etc.

Por sua vez, dos seis aos 18 meses, é a imago do semelhante o ponto central no complexo de intrusão. Essa foi relacionada à constituição da imagem unificada do corpo próprio formada por meio do outro. O complexo de intrusão opera como resolução do complexo de desmame. No entanto, para Lacan (1938/2008), a criança eventualmente pode permanecer captada no imaginário, como no caso das consideradas famílias “incompletas”, isto é, sem o pai:

o grupo familiar, reduzido à mãe e à fratria, desenha um complexo psíquico no qual a realidade tende a permanecer imaginária (...) o grupo assim tornado incompleto é muito favorável à eclosão das psicoses e que aí se encontra a maioria dos casos de delírio a dois (LACAN, 1938/2008, p. 39).

Atenta-se, nessa construção, para a formulação de grupo familiar completo, ou seja, com um pai que conduza para a socialização e para fora da identificação ao semelhante. Disso, pode-se deduzir que um mundo sem pai seria como que um mundo sem outros (ZAFIROPOULOS, 2001).

Por último, a respeito do complexo de Édipo, Lacan (1938/2008) discorreu que as pulsões genitais alcançam seu apogeu na criança em torno dos quatro anos de idade, como uma puberdade psicológica que fixa o desejo sexual ao objeto mais próximo, usualmente o genitor do sexo oposto. No entanto, um terceiro objeto, tipicamente o genitor do mesmo sexo, serviria como obstáculo para a satisfação dessas pulsões. Essa frustração também é seguida de uma repressão educativa que visa impedir qualquer satisfação desse desejo, sobretudo, uma realização masturbatória. Nesse contexto, a criança consegue adquirir certa intuição da proibição, visualizando o genitor do mesmo sexo simultaneamente como agente da interdição e como transgressor da proibição. Essa tensão, em alguma medida, se resolve com o recalque da tendência sexual, a qual ficaria latente até a puberdade. Mesmo assim,

por meio da sublimação, a imagem parental estaria inscrita no psiquismo por um ideal representativo.

Com isso, Lacan (1938/2008) argumentou que esse duplo processo ocorre através de duas instâncias, a que recalca é o supereu e a que sublima é o ideal do eu. O complexo de Édipo marcaria o ápice da sexualidade infantil. Apesar disso, resultaria em sua repressão. A solução desse drama traria em suas consequências também a identificação à imago paterna. Para Lacan (1938/2008), os efeitos desse complexo permaneceriam, tendo em vista que a imago paterna, em alguma medida, estaria associada à formação do ideal do eu.

Para além desses aspectos, Lacan (1938/2008) questionou a constante tomada do menino como sujeito das explicações didáticas do complexo de Édipo. Porém, argumentou que o desejo edípico se demonstra mais intenso no menino e que a repressão acontece em seu modo usual quando é exercida pelo pai. Acerca da repressão, salientou que ela opera por um duplo movimento de agressividade ao genitor que se opõe à realização do desejo sexual e pelo temor em relação a esse. Esses dois movimentos seriam sustentados pela fantasia de castração concernente, essencialmente, à mutilação de um membro, o que, desse modo, se ajustaria melhor ao macho. Apesar disso, Lacan (1938/2008) sustentou sua crítica à perspectiva freudiana, a qual, segundo ele, se basearia na dominação do sexo masculino. Com isso, Lacan (1938/2008) argumentou que a fantasia de castração seria precedida por uma série de fantasias de despedaçamento do corpo, sem, contudo, se referir a um corpo da realidade. Ela viria antes mesmo de qualquer referência do corpo próprio, não dependendo do sexo.

O mais pertinente de ser ressaltado neste momento da obra de Lacan é a sua formulação de que o complexo de Édipo, distintamente de como havia pensado Freud, não seria universal, mas dependeria de contingências ambientais, não estando dissociado da “realidade sociológica”: “A força mais decisiva de seus efeitos psíquicos se deve ao fato de que, com efeito, a imago do pai concentra a função de repressão com a de sublimação; mas este é o resultado de uma determinação social, a da família paternalista” (LACAN, 1938/2008, p. 53). É essa família, na qual o pai se faz presente em sua força e autoridade, a nomeada família paternalista, que foi apresentada como o melhor modelo familiar que poderia garantir o desenvolvimento subjetivo esperado.

Essa hipótese de que a contração familiar pode ser maléfica ao produzir impasses ou dificuldades na constituição subjetiva sustenta a defesa de uma família ideal. Sendo assim, esse trabalho lacaniano é marcado pelo pessimismo em relação à sociedade ocidental que supostamente sofrera com o declínio da

imagem paterna. Como consequência, pode-se considerar o aspecto conservador presente nessa obra, na medida em que Lacan se posicionou numa “defesa dos valores da tradição familiar” (ROUDINESCO, 1993, p. 159).

Como visto, a ausência do pai foi associada a complicações na constituição subjetiva, de modo que, antes dessa “crise psicológica”, foi suposto existir um pai ideal suficientemente capaz de produzir o efeito de corte na relação eventualmente mórbida com a mãe. Teria sido nesse cenário do pai em declínio que, conforme Lacan (1938/2008), a psicanálise nasceu: “A esse declínio, devido a uma crise psicológica, era relacionado o nascimento da psicanálise como reconhecimento de uma carência, socialmente inevitável, da autoridade paterna” (ROUDINESCO, 1993, p. 160).

As neuroses do fim do século XIX tratadas por Freud seriam efeito desse enfraquecimento paterno. Ao se considerar que o surgimento da psicanálise estaria associado ao enfraquecimento da família patriarcal, pode-se ponderar que, pelo menos em parte, seu aparecimento estava a serviço de fortalecer a potência paterna, creditada ser essencial para uma saudável constituição subjetiva e funcionamento familiar (ZAFIROPOULOS, 2001). Sendo assim, a hipótese de que o enfraquecimento paterno pode estar associado a problemas psíquicos é próspera mesmo no meio psicanalítico desde seu princípio.

Situando essas questões a sua época, Lacan (1938/2008) problematizou haver um agravamento desta “crise psicológica” que foi relacionada à “grande neurose contemporânea”: “Nossa experiência nos leva a designar sua determinação principal na personalidade do pai, sempre carente de alguma forma, ausente, humilhada, dividida ou postiça” (LACAN, 1938/2008, p. 60). A problemática da carência do pai, ou mesmo da falta de alguma de suas características, foi associada desde a possível etiologia da psicose aos casos de neurose da época. Entretanto, a compreensão da importância do pai no seio da família não foi formulada enquanto restrita como produzindo efeitos sobre os indivíduos, mas abrangeria também consequências sociais e culturais, na medida em que está implicada nos ideais sociais.

Desse modo, pode-se sintetizar a problemática do pai, suscitada em *Os complexos familiares*, com o entendimento de que Lacan nessa época, então com 37 anos, não foi ao encontro da perspectiva freudiana da universalidade do complexo de Édipo, relativizando-o conforme mudanças socio-históricas: “o Complexo de Édipo é relativo a uma estrutura social” (LACAN, 1938/2008, p. 54). Disso fica evidenciado que, desde o princípio da obra de Lacan, há uma diferente formulação acerca do pai em oposição à concepção freudiana do pai idealizado, a qual é a base para se pensar o laço social: “a descoberta freudiana

convoca um ‘pai que não se discute’, Lacan opta pelo valor de um pai de família, no qual o ‘curso edipiano’ varia conforme as condições socio-históricas do exercício de sua autoridade” (ZAFIROPOULOS, 2001, p. 58). Trata-se de uma teoria não freudiana do pai, a qual possui ressonâncias tanto a respeito do laço social, como no que concerne à constituição subjetiva.

A relevância da imago materna e a nostalgia da mãe também são aspectos que se sobressaem nesse texto, indo de encontro ao que Freud propôs. Na perspectiva freudiana, o ser humano, frente ao seu desamparo, espera encontrar no pai enaltecido o amparo e conforto para suas demandas. Portanto, sempre se trata de uma nostalgia do pai, não da mãe, mesmo que eventualmente seja uma figura feminina que venha a ocupar uma posição nomeada, a partir dessa lógica, de paterna:

O homem comum não consegue imaginar essa Providência de outro modo a não ser na pessoa de um pai grandiosamente elevado. Somente um pai assim é capaz de conhecer as necessidades da criança humana, compadecer-se com suas súplicas, apaziguar-se com seus sinais de arrependimento (FREUD, 1930/2012, p. 31).

De acordo com a fundamentação proposta por Lacan, nessa época, e mantida mesmo contemporaneamente por diversas perspectivas psicológicas e psicanalíticas, pode-se constatar que a questão gira fundamentalmente em torno da imago paterna. Em outras palavras, a “adequada” constituição subjetiva está proporcionalmente relacionada ao valor socialmente cedido ao pai na família. A enumeração de mudanças sociais como, por exemplo, as novas posições das mulheres na sociedade e, por conseguinte, transformações no seio da família são usualmente invocadas para legitimar o entendimento de existirem implicações na constituição subjetiva, tais como o advento de novas psicopatologias, de modo semelhante como teriam sido as neuroses no período freudiano e as “neuroses contemporâneas” na época dessas formulações de Lacan. Cabe, portanto, destacar a notável fragilidade dessa argumentativa em se desconsiderar a pluralidade de famílias em outras culturas, as quais não se organizaram univocamente e, tampouco, passaram pelas mesmas mudanças das democracias ocidentais.

Por sua vez, em *Formulações sobre a causalidade psíquica*, Lacan (1946/1998) considerou capital para a humanidade a descoberta freudiana do complexo de Édipo. No entanto, opôs-se à universalidade deste: “Ele (complexo de Édipo) só pode surgir, evidentemente, na forma patriarcal da instituição familiar, mas nem

por isso deixa de ter um valor liminar incontestável” (LACAN, 1946/1998, p. 185). Seguindo o que havia desenvolvido em 1938, em *Os complexos familiares*, Lacan permaneceu defendendo o caráter sociológico do complexo de Édipo, o qual não ocorreria em todas as sociedades e culturas, mas somente nas patriarcais, ou seja, nas famílias centradas no poder do pai. Assim, na medida em que foi relativizado sociologicamente, o complexo de Édipo não seria algo genérico a todos os humanos.

Doze anos após *Os complexos familiares*, na XIII Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa, Lacan (1950/1998) problematizou que um crime não deveria ser analisado sem se considerar seu contexto cultural. Neste trabalho, intitulado *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*, foi defendido que a noção de culpabilidade varia em cada sociedade e, por consequência, o entendimento de quem deve responder pelo crime. De início, é possível constatar que também nesse trabalho foi posta em questão certa relatividade sociológica em psicanálise. Aspectos cruciais da constituição subjetiva estariam diretamente relacionados às formações sociais, bem como às suas eventuais mudanças. Seguindo o que fora proposto doze anos atrás, Lacan (1950/1998), distintamente de Freud, teria concebido sociedades sem o complexo de Édipo. Apesar da relativização social defendida, foi cogitado existir algo de certo modo genérico a todos: “tensões relacionais que parecem desempenhar em todas as sociedades uma função basal” (LACAN, 1950/1998, p. 129).

Essas tensões relacionais ou qualquer outro aspecto pensado para todos os humanos não foram associados de forma alguma ao complexo de Édipo. Foi por meio do conceito de supereu que um fator pertinente a todos os humanos foi proposto: “O supereu a ser concebido como uma instância psicológica que, no homem, tem uma significação genérica (...) ela se inscreve na realidade da miséria fisiológica própria dos primeiros meses de vida (...) num estágio incrivelmente precoce de seu desenvolvimento” (LACAN, 1950/1998, p. 138). Cabe destacar a oposição à perspectiva freudiana, na medida em que o supereu foi concebido como uma instância genérica ao ser humano que se constitui antes mesmo do complexo de Édipo.

A fim de trabalhar as interfaces entre psicanálise e criminologia, foi retomado o texto freudiano *Totem e tabu*: “Não importa a que crítica de método esteja sujeito esse trabalho, importante foi que ele reconheceu que com a Lei e o Crime começava o homem” (LACAN, 1950/1998, p. 132). Entretanto, distintamente da proposição freudiana na qual o supereu advém como consequência do parricídio originário, momento mítico que institui a lei do grupo de

irmãos (FREUD, 1913/2013), o supereu foi formulado enquanto surgindo mesmo antes do complexo de Édipo. Sendo esse último algo dependente de condições sociais, não seria um fator genérico a todos. Em oposição, o supereu foi formulado enquanto genérico a toda a humanidade e se constituindo nos primeiros meses de vida.

Como desenvolvido, para Lacan (1938/1998), teria sido uma suposta degradação familiar que conduziu Freud à psicanálise. Aquilo que foi intitulado de contração familiar estaria ocasionando o declínio do valor da imago paterna no seio da família. Em outras palavras, a questão edípica não seria estável e estaria sujeita a mudanças sociais, destacando-se, dentre essas, o valor conferido socialmente à imagem do pai. São aspectos sócio-históricos que foram defendidos por Lacan, a essa época, como fundamentais na constituição subjetiva. Esses fatos estariam associados às neuroses na época de Freud, assim como às neuroses contemporâneas de Lacan. Por sua vez, essas mesmas problemáticas da contração familiar teriam conduzido Lacan a novas formulações teóricas: “O supereu, diremos, deve ser tomado como uma manifestação individual, ligada às condições sociais do edipianismo” (LACAN, 1950/1998, p. 137). Nesse momento, Lacan (1950/1998) concebeu o supereu como uma instância universal que, apesar disso, seria individual e dependente daquilo que foi nomeado de condições sociais do edipianismo. Cabe insistir que as variáveis sociológicas sustentadas por Lacan, a essa época, são as circunstâncias familiares, fundamentalmente o enfraquecimento da autoridade paterna que “mostra-se, de fato, cada vez mais instável ou obsoleta” (LACAN, 1950/1998, p. 135), tendo sido esses aspectos associados ao que foi nomeado de “incidências psicopatológicas”.

Como visto, o pensamento lacaniano, entre 1938 e 1953, seguiu a lógica da contração familiar influenciada pelo pensamento de Durkheim. Uma família considerada incompleta, ou seja, sem pai, disporia de uma tendência a desenvolver os mais diversos quadros psicopatológicos. O pai foi elevado ao nível de operador familiar capaz de extrair a criança da captação da imago materna ou do outro semelhante. Seria esse vacilar do pai a causa central do surgimento da psicanálise enquanto resposta às neuroses analisadas por Freud, assim como no tocante às ditas neuroses contemporâneas da época do jovem Lacan. Essa argumentação implica uma noção de pai que assegura o funcionamento familiar, a constituição subjetiva e a instauração da lei. É um pai que estabelece garantias e que, para tanto, precisa ser forte e potente. Ao passo que a instabilidade social em relação ao pai, dentro desse raciocínio, reverberaria na ordem estabelecida de modo prejudicial, produzindo mais do que incertezas, mas,

inclusive, promovendo um mundo perigoso no qual a lei vacila. Trata-se de uma perspectiva sustentada nas “condições sociais do edipianismo”, na qual o valor cedido à imago paterna associa-se àquele atribuído ao pai no seio da família e, por sua vez, ao seu “adequado” funcionamento.

Ressalta-se que essa lógica adotada por Lacan está compreendida neste período de sua obra, sendo, pois, importante conhecê-la e situá-la no tempo. Não foi escopo deste estudo abordar as mudanças paradigmáticas acerca dessas formulações. De todo modo, elucida-se que foi ao abandonar essa problemática do pai na família e ao propor uma lógica simbólica que se iniciou o famoso retorno de Lacan a Freud. Considerando o humano enquanto ser falante, a linguagem adquiriu grande relevância na análise dos textos freudianos. Foi ao encontro disso que a metáfora paterna foi elaborada, tendo como operador principal o significante nome-do-pai.

O *Discurso de Roma* colocou ênfase no nome do pai como “suporte da função simbólica”, ocasionando uma radical distinção entre aquele que pode encarnar essa função e ela mesma enquanto tal. Dito de outro modo, a pessoa do pai em sua realidade não se confunde com a função. Portanto, a configuração familiar, bem como a realidade do status do pai no grupo familiar não dizem respeito à função paterna: “Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encarna” (LACAN, 1953/1998, p. 279-280).

Considerações finais

Seguindo a influência de Durkheim, Lacan considerava a família conjugal como uma contração da família paternalista. Nessa perspectiva, seria devido à contração familiar a mudança do lugar ocupado socialmente pelo pai. Do mesmo modo como Lacan havia associado as neuroses da época de Freud e, posteriormente, as ditas neuroses contemporâneas à derrocada do pai, muitos psicanalistas estabelecem essa relação contemporaneamente à propagação dos considerados novos casos. A lógica proposta é a de que existiria uma relação entre a queda do poder social paterno e o surgimento de psicopatologias e problemas sociais. Dito de outro modo, na medida em que a potência paterna enfraquecesse, novas modalidades psicopatológicas tenderiam a surgir, bem como adversidades se imporiam à organização do laço social. Pode-se ler essa

perspectiva como uma “evolução das neuroses” relacionadas à desestabilização paterna. Cabe, todavia, ressaltar que essa lógica adotada por Lacan esteve restrita a esse momento de seu pensamento, não se estendendo ao seu ensino após 1953. Efetivamente, após o chamado de Lacan de “retorno a Freud”, houve um deslocamento da lógica familialista centrada no pai para a estrutura linguageira do inconsciente. A partir disso, torna-se relevante ressaltar que a perspectiva da prejudicialidade da contração familiar está delimitada no pensamento lacaniano.

É, portanto, a propósito de uma função lógica, a qual pode ser exercida pela família ou não, que Lacan (1969/2003) indicou ser preciso para se constituir sujeito. É em relação a isso, o que não se confunde com satisfazer as necessidades da criança, que foram situadas as funções parentais: “Da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo” (LACAN, 1969/2003, p. 369). Da parte do pai, foi posto que é o seu nome que possui relação à Lei, sendo propriamente por meio desse que se realiza a interdição.

Para concluir, compreende-se que, durante 15 anos, antes do período nomeado de “retorno a Freud”, Lacan manteve uma perspectiva evolucionista, na qual a estruturação subjetiva está associada a elementos sócio-históricos. Em particular, foi evidenciado que, inicialmente, Lacan defendeu a lógica do declínio do valor social do pai como associado a efeitos subjetivos mórbidos. Entretanto, foi distanciando-se dessa perspectiva, com o nome-do-pai enquanto suporte da função simbólica, que Lacan subverteu essa lógica.

A partir dessa investigação, compreende-se que o posicionamento teórico que atribui à contração familiar efeitos prejudiciais à subjetividade, além de ser enviesado por um ideal de família, desconsidera a reformulação do ensino de Lacan quanto à noção de pai, tendo permanecido sob a influência durkheimiana. Ressalta-se que a perspectiva teórica adotada irá sustentar a prática exercida e, portanto, precisa passar constantemente por um minucioso escrutínio.

Tramitação

Recebido 01/06/2024

Aprovado 14/05/2025

Referências

- ABREU, D. N. Estatutos do pathos na violência. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, v. 9, n. 17, p. 97-105, 2013.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (2010). *Dicionário de Psicologia APA*. Porto Alegre: Artmed.
- ASSOUN, P. *Dictionnaire thématique, historique et critique des oeuvres psychanalytiques*. Paris: Presse Universitaire de France, 2009.
- BRAGA, M. G. R.; AMAZONAS, M. C. L. A. Família: maternidade e procriação assistida. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 1, p. 11-18, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/x8NbGyVs8ZZ4ZrRWTWVCKjq/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- CONSTANTOPOULOS, M. *Qu'est-ce qu'être un père?* Paris: L'Harmattan, 2012.
- CORREIA, A. C. R.; XAVIER, H. V. S.; LANG, C. E. Leitores advertidos desconstrução, psicanálise e leituras do retorno a Freud. *Tempo psicanalítico*, v. 53, n. 2, p. 21-51, 2021.
- DURKHEIM, E. (1897). *O suicídio: estudo de sociologia*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1977.
- _____. La famille conjugale. *Revue philosophique*, v. 90, p. 2-14, 1921.
- FANTINI, J. A. O declínio do nome-do-pai: violência e transgressão na passagem do século. *Temas em Psicologia da SBP*, v. 9, n. 3, p. 211-221, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2001000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- FERREIRA, A. E. A morte do pai e o declínio da função de professor. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 8, n. 4, p. 923-944, 2013.
- FREUD, S. (1930). *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- _____. (1913). *Totem e tabu: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e universidade*, v. 1, n. 1, p. 9-32, 1994.
- GIACOBONE, R.; MACEDO, M. K. Cultura e desejo: a construção da identidade adicta no cenário contemporâneo. *Ágora*, v. 16, n. 1, p. 57-70, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/53cWMhdrQwtHQMchDxTFZGF/?lang=pt.>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

- GOLDENBERG, R. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.
- JULIEN, P. *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- LACAN, J. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. (1950). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. (1953). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.
- LANG, C. E.; BARBOSA, J. F.; CASELLI, F. R. B. A geração criada por mulheres: o pai e o masculino no Clube da Luta. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 11, n. 2, p. 843-870, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- LIMA, N. L. As incidências do Discurso Capitalista sobre os Modos de Gozo Contemporâneos. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, 2013.
- REY, A. *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1998.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.
- SCIARA, L. *Retour sur la fonction paternelle: dans la clinique contemporaine*. Toulouse: Érès, 2016.
- SILVA, R. A.; ARAÚJO, S. M. B. A representação da função paterna para instituições de auxílio a adolescentes em conflito com a lei. *Psicologia Clínica*, v. 25, n. 1, p. 37-52, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/3DDZ6Wy3YGP365VyFgMy6yL/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- ZAFIROPOULOS, M. *Lacan et les sciences sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- _____. *Lacan et Lévi-Strauss ou le retour à Freud (1951-1957)*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- _____. *Du Père mort au déclin du père de famille: Où va la psychanalyse?* Paris: Presses Universitaires de France, 2014.